

OPINIÃO

EDITORIAL

Caso Marista: a volta dos que não foram

A Prefeitura de Ribeirão decidiu reenviar à Câmara o projeto de permuta entre a área pública da Zona Sul e o imóvel do antigo Colégio Marista, no Centro. A nova versão tenta corrigir o ponto que mais desgastou a proposta anterior: o valor dos imóveis. Agora, a área municipal no Jardim Nova Aliança, com cerca de 41 mil metros quadrados, passou a ser avaliada acima do prédio do Marista, na rua Bernardino de Campos. Pela nova conta, a instituição privada teria de pagar cerca de R\$ 29,4 milhões ao município.

No papel, o governo tenta transformar um projeto politicamente tóxico em uma operação aparentemente vantajosa. Mas a principal questão continua em aberto: uma conta nova basta para tornar bom um negócio que segue mal explicado?

A proposta original, apresentada em 2025, já havia gerado forte controvérsia. O desgaste foi tamanho que a própria prefeitura recuou e retirou o projeto em dezembro, prometendo nova análise. Agora, meses depois, o texto volta com sinal trocado e diferença milionária em favor do poder público. O problema é óbvio: se a mesma operação comporta variações tão expressivas de valuation em tão pouco tempo, o mínimo que se espera é transparência absoluta sobre critérios, metodologia e interesse público envolvido.

Não se discute apenas o preço de dois imóveis. Discute-se a estratégia patrimonial da cidade. A prefeitura quer trocar um terreno valioso na Zona Sul por um prédio central para instalar um futuro centro administrativo. É uma decisão de longo prazo, com impacto urbano, financeiro e político. Por isso, a administração tem o dever de apresentar mais do que uma nova avaliação: precisa mos-

trar estudo comparativo de alternativas, custo real de adaptação do prédio, impacto no trânsito e na mobilidade da região central, vantagens operacionais concretas e a razão pela qual essa solução seria superior a outras possíveis. Sem isso, a operação corre o risco de parecer menos uma política pública estruturada e mais uma aposta imobiliária conduzida de cima para baixo.

A forma política da reapresentação também pesa. O projeto voltou justamente durante as férias do prefeito Ricardo Silva (PSD), pelas mãos do prefeito em exercício Alessandro Maraca (MDB). Pode ser legal. Mas, em um tema tão sensível, a escolha do momento é ruim e amplia a desconfiança. Em vez de construir segurança institucional, o governo alimenta a leitura de que tenta reenquadrar uma proposta rejeitada aproveitando uma janela política mais conveniente.

A audiência pública marcada pela Câmara é necessária, mas não pode servir apenas como rito formal para validar uma decisão previamente tomada. O Legislativo precisa tratar essa matéria com independência e rigor. Não basta discutir se a prefeitura “ganha” ou “perde” alguns milhões na troca. É preciso responder se o município está fazendo a melhor escolha.

A crítica central, portanto, é simples: a prefeitura melhorou a embalagem do projeto, mas ainda não entregou uma justificativa pública à altura do tamanho da decisão. Se o negócio é realmente tão bom, que o governo prove isso de forma completa, técnica e transparente. Até lá, o “negócio” parece menos uma demonstração de convicção administrativa e mais uma insistência política em um projeto cercado de dúvidas.



OPINIÃO DO LEITOR

Ribeirão recebe muita gente de fora, e o SUS precisa dar conta de atender todo mundo. Faz parte da vocação regional na área da saúde. Nossa cidade precisa lidar com isso.

Miriã Azevedo, Jardim Heitor Rigon

NOVAS IDEIAS

Honrando nossa História

VIRGINIA MACORIN DE LIMA SANT'ANNA*



QUANDO O MÊS DE JUNHO CHEGA EU SEMPRE FICO EMOTIVA E SAUDOSA. PRIMEIRO POR SER ANIVERSÁRIO DO MEU FILHO, DIA 19 DE JUNHO, MESMO DIA DO ANIVERSÁRIO DE NOSSA CIDADE, DATA QUE ACABOU REGISTRADA POR CONTA DO FRUTO DA PESQUISA DE MEU TIO DR. OSMANI EMBOABA DA COSTA, ACEITO PELOS ÓRGÃOS PÚBLICOS E ASSIM DECRETADO.

Nesta data sempre me vem o desejo, e porque não dizer, o compromisso de lembrar e registrar de alguma forma, a origem de um dos primeiros bairros da cidade, a Vila Virginia, fundada por meu avô paterno, Álvaro de Lima, que arrematou lotes da antiga chácara Paraíso e doou terras para construção da Igreja, (hoje Paróquia Santa Maria Goretti), do grupo escolar e de toda infra-estrutura necessária para fundar o bairro que ele nomeou em homenagem a sua esposa Virginia.

A minha avó, Virginia Barros de Lima (1900-1961), a quem não tive a sorte de conhecer (eu nasci em 1969), portanto não tenho histórias vividas, possuía saúde frágil, tanto que faleceu cedo, aos 60 anos. Participava das atividades de arrecadação de fundos para a igreja e na distribuição de donativos e alimentos aos mais necessitados do bairro.

Convivi com o meu avô, Álvaro de Lima (1884-1973), na minha infância somente até os quatro anos de idade. As lembranças que tenho são poucas, mas o legado de empreendedorismo que ele nos deixou eu faço questão de perpetuar para os meus descendentes. Ele foi o criador, loteador e fundador da Vila Virginia, que leva o nome da minha avó paterna, a quem tenho também a honra de herdar o nome de tão digna cidadã benemerita, a este bairro que carrega em seu nome uma linda história de amor, e um dos primeiros de Ribeirão Preto, o meu avô dedicou os melhores anos de sua vida, empenhando o máximo esforço em prol de seu progresso e de sua comunidade.

Há poucos dias, escrevendo sobre ele em minha coluna, pesquisei o que tinha registrado sobre o bairro e me deparei com erros que preciso corrigir e registrar.

Em certa matéria diziam que o bairro já tinha outro nome, República, o que não é verdade. Houve sim uma intenção de alterar o nome para Jardim Virginia e, posteriormente, em “Jardim Progresso”, que não proliferou graças à imprensa, vereadores sensatos e a comunidade local. Discussão essa que afetou muito a saúde de meu avô, em seus últimos anos de vida.

Tenho registro em matérias de jornais que guardo com carinho e respeito. Em outra matéria dizia que meu avô era português. Ele era mineiro de Carmo do Paranaíba, mas fixou residência em Ribeirão ao arrematar os lotes e fundar o bairro que foi a paixão de sua vida, até a morte.

Cheguei a achar graça no equívoco. Mas história é coisa séria e faço questão de levar o legado da família para posteridade. E assim o farei, honrando o passado e a história de nossa cidade que completa 170 anos.

* Publicitária, produtora de conteúdo e editora do site VickNews

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão

Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

▪ Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600

▪ Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326

▪ Banca Saudade - Av. Saudade S/N

▪ Banca Paulista - Av. Independência, 1680

▪ Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

▪ Banca Balieiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão

▪ Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N

▪ Banca Solange - Av Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho

▪ Banca Camões - Praça Camões S/N

▪ Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800

▪ Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão

▪ Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma

▪ Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

▪ Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588

▪ Banca Sete de Setembro - Praça

▪ Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431

▪ Banca Oficce Center - Av Portugal, 1760

▪ Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395

▪ Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N

▪ Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425

▪ Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)

▪ Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)